

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA SENHORA DA PENHA, GUIMARÃES (NORTE DE PORTUGAL): NOTÍCIA PRELIMINAR DAS ESCAVAÇÕES DE 2002

por

Ana Bettencourt*, António Dinis**, Carlos Cruz*** & Isabel Sousa e Silva****

Resumo: Com este texto, pretende-se relatar os trabalhos de escavação arqueológica, realizados durante o mês de Julho de 2002, na estação arqueológica da Senhora da Penha, no âmbito do projecto "The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC".

Este local, profundamente destruído, desde, pelo menos, os inícios do séc. XX, forneceu número e importante espólio arqueológico, hoje depositado nos Museus da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, e Nacional de Arqueologia, em Lisboa. As escavações actuais, apesar de não terem fornecido os resultados esperados, permitiram, pelos menos, identificar um nível de ocupação calcolítica, conectável, genericamente, com grande parte do espólio depositado nos referidos museus. Tal, contribuirá para uma melhor contextualização cronológico-cultural do sítio, assim como para a sua reconstituição paleoambiental.

Palavras-chave: Norte de Portugal; Senhora da Penha; Calcolítico.

0. INTRODUÇÃO

O monte da Penha é noticiado como local de culto desde os inícios do séc. XVIII, momento em que teria sido ocupado pelo eremita Guilherme que aí teria colocado uma estátua da virgem, denominada, desde 1732, de Nossa Senhora do Carmo da Penha (Fig. 4). No entanto, é só a partir dos finais do séc. XIX que se dará início a uma séria de obras que transformarão, profundamente, o local. Referimo-nos, nomeadamente, ao monumento ao papa Pio IX, inaugurado em 1893. Durante todo o séc. XX, prossegue o surto construtivo de carácter religioso, turístico e social, que irá contribuir para a destruição, paulatina mas sistemática, dos diversos vestígios arqueológicos aqui existentes. A título de exemplo, salientamos a abertura de inúmeros caminhos pedonais "*por entre os penedos*", em 1934, acção que terá contribuído, em grande escala, para o esvaziamento dos sedimentos dos abrigos naturais existentes no topo e no início das vertentes.

* Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

** Mestre em Arqueologia pela Univ. do Porto.

*** Mestre em Arqueologia pela Univ. do Minho.

**** Mestranda de Arqueologia da Univ. do Minho.

Em 1931, inicia-se a construção da primeira capela do Santuário da Penha, obras interrompidas, em 1939, aquando de um incêndio na capela-mor, sacristia e parte do coberto vegetal envolvente. Os trabalhos serão retomados e um segundo templo, o actual, abre ao culto em 1947. Curiosamente, é durante as décadas de 40 e 50 que dará entrada no Museu da Sociedade Martins Sarmiento¹ a maior parte do material cerâmico atribuível ao calcolítico, posteriormente referenciado por S. O. Jorge (1986) e, mais tarde, estudado por M. S. Silva & P. M. Santos (1988-89). Este facto leva-nos a considerar a hipótese de que o local onde se ergue a capela do Santuário tenha sido a área ocupada por excelência, neste período cronológico-cultural.

A primeira notícia referente a cerâmica ornamentada no Monte da Penha, provavelmente calcolítica, é um manuscrito de F. Martins Sarmiento, datado de 1886, onde se refere a existência de “*um pequeno castro*”, para nascente do morro “*onde se está construindo o monumento de Pio IX*”, sendo visíveis “*obras artificiais de terra, valados que circuitavam a povoação*”. Entre os muitos fragmentos de cerâmica então recolhidos, este estudioso refere a existência de “*dois ornamentados, um com linhas paralelas, outro com sulcos em xadrez*”. Dado o que conhecemos para este sector do monte não cremos que a ocupação calcolítica se tenha estendido até esta zona, que foi ocupada durante a Idade do Bronze (BETTENCOURT *et alii*, neste vol.). Neste sentido, os dois fragmentos decorados, a serem calcolíticos, poderiam resultar das destruições provocadas pelas obras aí efectuadas, admitindo-se, assim, uma ocupação para aquela época na área do morro do Pio IX, mas um pouco excêntrica a esta.

A segunda referência a artefactos relacionáveis com o Calcolítico é-nos dada por J. Luís de Pina, em 1928 que indica algumas condições dos achados e desenha parte do espólio então descoberto. Diz este autor:

“...num dia de férias, entre um troço de trabalhadores que, a expensas da Comissão de Melhoramentos da Penha, se ocupava numa terraplanagens, lá para as bandas do Nascente do pequeno planalto que se estende para S. do monumento aos Aviadores, proporcionando-me, nessa ocasião, a felicidade de descobrir que, por entre a terra negra revolvida, surgiam ...uns cacos também negros e de aspecto semelhante àqueles que na Sociedade já eram do meu conhecimento (...) fragmentos de olaria grosseira, de fabrico manual (sem vestígios de roda), quebradiços, parecendo cozidos ao sol, (...). Então, examinando-os, ...um por um, tive o prazer de admirar um grande número de ingénios e graciosos labores lineares, profundamente gravados (...).

Animado pelos resultados das pesquisas iniciadas, foram então ampliadas até ao cimo da montanha, e, ali, para o lado da nascente da água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha, encontrámos mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhadores...” (PINA, 1928: 135-138). Estes dados revelaram-se muito concordantes com os obtidos na prospecção, em termos de distribuição espacial dos vestígios.

¹ As ofertas de espólio a esta instituição dão-se entre 1908 e 1967. Estas últimas relacionadas com a descoberta dos materiais cerâmicos e metálicos do lugar do Telhado, uma terceira estação a referenciar no monte da Penha e, aparentemente, não relacionada com os vestígios da Idade do Bronze de Santa Catarina. As ofertas teriam sido feitas pela Irmandade da Penha, por José Luís de Pina ou pela Junta de Turismo da Penha.

Existe, ainda, uma pequena colecção de materiais provenientes do monte da Penha no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Em consequência dos vários achados arqueológicos ocorridos no monte da Penha, o local foi classificado como Imóvel de Interesse Público, em 1953, sendo, em 1954, definido o perímetro de protecção da estação arqueológica. Apesar deste facto continuaram a efectuar-se as mais diversas obras, sem que aí se registassem escavações arqueológicas. Em 1971 dizia, a propósito, M. Cardoso “...esses melhoramentos urbanísticos da Penha, tais como aberturas de arruamentos, repovoamento de arvoredos, jardinagens, canalização de águas, construção de edifícios, etc., muito têm prejudicado o interesse da arqueologia local, pois todas as remoções de terras têm sido ali praticadas sem a menor finalidade de investigação científica, e conseqüentemente sem atenção a um mínimo de cuidados que as escavações de carácter arqueológico exigem...” (CARDOSO, 1971: 240).

Curiosamente, foi este investigador que parece ter realizado as primeiras escavações no monte da Penha, cujos resultados não publica.

Foi só, em 1980, que Francisco Alves, com a ajuda do Sr. Manuel António Martins, membro da direcção do Parque de Campismo e do Sr. António Costa, chefe do pessoal da limpeza da Junta de Turismo da Penha, consegue identificar o local destas sondagens que noticia num relatório entregue ao SRAZN – Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte (ALVES, 1980)². Estas ocorreram em três locais distintos; no interior do Parque do Campismo (na vertente sudeste do Pio IX) e na parte superior e inferior da estrada 579-2 que segue para a Lapinha (a nordeste do morro do Pio IX).

Seguem-se, em 2000, escavações efectuadas na vertente noroeste do morro do Pio IX e na vertente este-sudeste da área do Santuário da Senhora da Penha, na sequência da obras projectadas pela Irmandade de Nossa Senhora da Penha. Foram efectuadas pela empresa *Perenne Monumenta*, sob a direcção de Francisco Queiroga que, amavelmente, nos cedeu o material, plantas e perfis para estudo³.

No âmbito do projecto “The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC”, do qual todos os intervenientes neste trabalho fazem parte, impunham-se novas intervenções no monte da Penha. Assim, iniciámos os trabalhos pela recolha sistemática da informação escrita, observámos algumas fotografias aéreas, efectuámos prospecções sistemáticas e, finalmente, realizámos sondagens arqueológicas, em Julho de 2002.

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL

O monte da Penha, localiza-se no distrito de Braga, concelho Guimarães, freguesia da Costa, e corresponde a um contraforte da serra da Cabreira que se estende no sentido Nordeste – Sudoeste, bem delimitado por dois afluentes do Ave, o rio Selho, que lhe corre a norte e a

² Este mesmo arqueólogo propõe, nesta data, a realização de sondagens em vários locais do monte da Penha, com vista a uma melhor definição da sua área de protecção, tarefa que parece não ter sido realizada.

³ Segundo o relatório a que tivemos acesso, este local não teria sido ocupado durante a pré-história. Apenas se detectaram alguns fragmentos de cerâmica calcolítica, encontrados em camadas de derrube e aterros. Tendo em atenção a localização das sondagens pensamos que o material arqueológico poderia ser oriundo de escorregamento do pequeno planalto que serve de corredor natural entre a área do Santuário e o morro do monumento ao Pio IX.

oeste, e o rio Vizela que lhe corre a sul. Nas suas vertentes nascem inúmeras linhas de água, mas a única nascente é a de Santa Catarina, no início da vertente oeste do cabeço onde se implantou o monumento ao Pio IX (Fig. 2).

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50.000, folha 9-B, o substrato rochoso da região é composto por granitos porfiróides de grão grosseiro que afloram com abundância à superfície, amontoando-se em caos de blocos ou penhas que formam inúmeros abrigos naturais. A cerca de 1Km para sudeste ocorre uma mancha de xistos e metagrauvaques com abundantes coreanas na zona de contacto com o granito. É nesta mancha que está cartografada uma exploração mineira de volfrâmio.

Em 1909 dá-se início ao processo de arborização da monte da Penha que continuará, de forma intensiva, até 1931. Tal, transformou o coberto vegetal, até então, caracterizado por um vegetação arbustiva e herbácea, num coberto arbóreo. Actualmente, este local cobre-se de Acácias, Carvalhos, Castanheiros, Cameleiras, Cedros, Medronheiros, Oliveiras, Pinheiros, entre muitas árvores e arbustos exóticos.

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 86 – são as seguintes:

Latitude: 41° 25' 59'' N

Longitude: 8° 16' 06'' W

Altitude máxima na capela do santuário: 590m.

Altitude máxima no morro do Pio IX: 613m.

O acesso à Senhora da Penha faz-se através da estrada nacional 101-2, quer a partir da freguesia da Costa, quer da de Mesão Frio. Outro acesso é possível pela estrada municipal 579-2.

2. PROSPECÇÃO

Com o objectivo de identificarmos as áreas de proveniência do espólio encontrado neste monte iniciámos, no local, prospecções sistemáticas, em Fevereiro de 2002. Estas efectuaram-se, essencialmente, entre a capela do Santuário da Senhora da Penha, a norte, e a entrada do Parque de Campismo, a sul⁴, quer nas áreas mais elevadas, quer nas vertentes oeste e este até, sensivelmente, a cota de 560m. De igual modo, aproveitámos para cartografar o local dos achados cerâmicos e metálicos conhecido como do lugar do Telhado (CARDOSO, 1968) e para efectuar alguma prospecção no vasto planalto que se estende a sul da capela de Santa Catarina.

Tendo em atenção a bibliografia consultada e a distribuição do espólio de superfície chegámos aos seguintes resultados:

- a área do morro onde se implantou a capela do Santuário da Senhora da Penha, continha o maior número de cerâmicas com decoração incisa metopada de “tipo Penha”, principalmente nas vertentes sul e sudeste. É de referir que neste local não se detectou

⁴ Estes trabalhos contaram com a participação de Alda Rodrigues, Carla Carvalho, Maria do Socorro Furtado, Marta Azevedo e Miguel Carneiro, então finalistas da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho.

espólio atribuível à Idade do Bronze;

- fragmentos de cerâmica calcolítica foram, igualmente, detectados nas vertentes este-nordeste, nordeste, norte e noroeste do morro onde se construiu o monumento ao Pio IX;
- cerâmicas exclusivamente da Idade do Bronze ocorriam nas vertentes sudeste, sul e sudoeste do Pio IX, nomeadamente no pequeno planalto onde se construiu a capela de Santa Catarina, assim como nas vertentes a sul da mesma.

Este conjunto de dados permitiu à equipa deste projecto formular as seguintes hipóteses de trabalho:

- A ocupação calcolítica do Monte da Penha ter-se-ia verificado, preferencialmente, entre o morro onde se implantou a capela de Nossa Senhora da Penha e as vertentes norte, noroeste e nordeste do morro onde se construiu o monumento ao Pio IX. Esta área foi denominada de Senhora da Penha;
- A ocupação da Idade do Bronze teria ocorrido, eventualmente, no topo do morro que suporta o monumento ao Pio IX e, seguramente, nas suas vertentes oeste, sul e este. Esta zona foi designada por Santa Catarina dada a proximidade da capela com este nome;
- Não excluímos a possibilidade de ter existido uma sobreposição das duas ocupações no topo do morro onde se construiu o monumento ao Pio IX, assim como nos abrigos das vertentes oeste e noroeste do mesmo, dado os achados encontrados na área da nascente de Santa Catarina;
- Os achados cerâmicos e metálicos da Idade do Bronze do lugar de Telhado foram encontrados no local conhecido como Pedreira da Pena e correspondem a uma terceira estação arqueológica existente neste monte.

Por forma a podermos testar algumas das hipóteses apresentadas programámos duas campanhas de escavações⁵ a realizar em distintos locais do monte da Penha. Estas foram efectuadas em Julho de 2002. Pretendíamos, também, obter dados para uma melhor contextualização cronológica-cultural do material depositado nos museus, assim como recolher elementos passíveis de contribuir para a reconstituição paleo-ambiental das diferentes épocas em que o homem ocupou este monte.

Atendendo aos constrangimentos do local, muito perturbado, a partir dos finais do séc. XIX, esta tarefa mostrou-se difícil desde o início e sem garantias de grandes resultados práticos. Mesmo assim, efectuámos sondagens no topo e nas vertentes sul e sudeste da Capela da Senhora da Penha, no corredor natural de passagem para o morro do Pio IX e nas vertentes sul, sudeste e este-nordeste deste morro.

Neste trabalho publicam-se apenas os resultados das escavações que supomos conectadas com a área de ocupação calcolítica.

⁵ Participaram nas escavações arqueológicas Gabriela Marques, Hélder Costa, Joana Valdez, José Braga, Marcelo Rodrigues e Tiago Gomes, alunos da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho. Os desenhos foram passados a tinta por Dores Pires.

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Metodologia

Na área referida anteriormente abrimos seis zonas de escavação que denominámos de Corte 1, Corte 2, Corte 3, Corte 4, Corte 5 e Corte 6 e efectuámos a limpeza de um perfil já existente (Fig. 5).

O Corte 1 foi aberto numa pequena área aplanada, no início da vertente su-sudoeste do morro onde se localiza a capela de Nossa Senhora da Penha e onde se encontravam alguns fragmentos cerâmicos à superfície. Devido à localização desta plataforma, na proximidade de grandes afloramentos, dispostos a oeste, esperávamos encontrar sedimentos antigos bem conservados. Aí escavámos quatro quadrados (A1, B0, C1 e E1).

O Corte 2 foi efectuado, a sudeste do alto onde se implantou a capela da Penha, ao lado do actual "recinto" do santuário. Trata-se de uma pequena plataforma rodeada por afloramentos graníticos, hoje bastante aterrados que corresponde à principal zona de passagem entre a área da capela da Senhora da Penha e a elevação onde se encontra o monumento ao Pio IX. Pretendíamos verificar se a estação arqueológica se teria estendido para este local, tal como pareciam sugerir as indicações de Luís de Pina, em 1928. Foram abertos dois quadrados nesta área (C4 e D5).

O Corte 3 foi realizado no início da vertente sudeste do alto da capela do santuário (Fig. 12). Aí, escavaram-se cinco quadrados (D1, M-3 M-4 e L-4).

No Corte 4, efectuado a sul da capela, numa plataforma existente por baixo do talude artificial que suporta aquela construção religiosa, apenas escavámos o quadrado E3. Esta zona foi rapidamente abandonada por se verificar, em estratigrafia, que estava profundamente alterada.

O Corte 5 foi aberto por baixo da capela da Senhora da Penha, visto esta ter sido construída, em parte, sobre pilares. A opção de uma sondagem neste local impunha-se por ser esta a zona de cota mais elevada disponível para escavação. Aí, escavaram-se três quadrados (A3, B1 e B2).

O Corte 6 realizou-se num abrigo da vertente noroeste do morro do Pio IX que nos parecia conter alguns sedimentos *in situ*.

Não foram efectuadas sondagens na vertente norte do Pio IX por estarem todos os abrigos esvaziados.

A limpeza de um perfil existente na vertente este-nordeste impunha-se porque poderia comprovar uma eventual ocupação calcolítica do local.

Como estratégia de trabalho optou-se por valas de sondagem em todos os cortes. A malha dos quadrados correspondeu a 1 x 1m.

Todos os perfis e estruturas foram registados, desenhados, fotografados e cotados.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas, bem como os materiais metálicos, líticos e concentrações de ecofactos, foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

Os sedimentos da camada 4 dos quadrados M-3, M-4 e L-4 foram crivados a seco, com crivos de malha muito fina, capazes de permitir a identificação de sementes de pequeno porte.

O espólio proveniente da escavação deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

Os ecofactos foram enviados para análises de antracologia e carpologia, a efectuar por

Isabel Figueiral. Dos ecofactos foram retiradas amostras para datação de radiocarbono, a realizar nos Laboratórios "Rocasolano" de Madrid e Angstrom, Uppsala.

3.2. Processo de Escavação

3.2.1. Corte 1

3.2.1.1. Estratigrafia

Neste corte a estratigrafia apresentava a seguinte sequência (Fig. 6):

Camada 0 – terra castanha escura, areno-limosa, de compacidade média, com calhaus esparsos e algumas raízes. Nos quadrados B0 e E1 abriram-se, nesta camada, algumas valas, que interpretámos como de plantio de arbustos ou canteiros. O enchimento destas estruturas perecíveis foi denominado de camada 0'.

Camada 0' – heterogénea, de matriz castanha, com manchas amareladas de areão e outras acinzentadas, arenosa, pouco compacta e com algumas raízes.

Camada 1 – terra castanha, mais clara e arenosa do que a anterior, com calhaus de pequena e média dimensão, raízes de pequeno porte e raros carvões dispersos. Não contém vestígios arqueológicos.

Camada 2 – arena granítica.

3.2.1.2. Estruturas

Não foram encontradas estruturas arqueológicas em nenhuma das camadas registadas.

3.2.1.3. Espólio

O espólio da camada 0 era composta por raros fragmentos cerâmicos e por um artefacto lítico polido, atribuíveis ao Calcolítico, em associação com elementos actuais.

Na camada 0' também foram detectados fragmentos cerâmicos inseríveis no Calcolítico e em épocas históricas.

Na camada 1, quadrado B0, apareceu material actual, como por exemplo um fragmento de cerâmica vidrada. Este conjunto de ocorrências comprova a existência de uma estratigrafia invertida ou de grandes revolvimentos, neste sector do monte.

3.3.2. Corte 2

3.3.2.1. Estratigrafia

As diferentes camadas estratigráficas encontradas registavam as seguintes características (Fig. 7 e 8):

Camada 0 – terra castanha acinzentada, arenosa, pouco compacta, sem carvões, e com algumas raízes. Correspondem a aterros destinados a evitar o crescimento da vegetação rasteira⁶.

Camada 1 – humosa, mas recente, de matriz castanha, nada compacta, com carvões e muitas raízes.

Camada 1a – enchimento de uma fossa ou vala, relacionáveis com a camada 1. Terra heterogénea, de matriz castanha, muito limosa, com muitas raízes.

Camada 2 – acumulação de saibro, bastante espessa e muito compacta. Corresponde a um piso ou antigo caminho.

Camada 3 – terra castanha clara, areno-limosa, medianamente compacta, com calhaus de pequena e média dimensão, sem carvões ou raízes.

Camada 4 – terra castanha escura, areno-limosa (mais limosa do que arenosa), compacta, com calhaus pequenos, alguns carvões e raízes esparsas.

Camada 4a – terra muito humosa, castanha clara, limosa, nada compacta e estéril. Corresponde ao enchimento de uma vala para plantio.

Camada 5 – terra castanha acinzentada, mais arenosa do que limosa, medianamente compacta, sem carvões e com escassas raízes.

Camada 6 – arenosa granítica.

3.3.2.2. Estruturas

Não foram encontradas estruturas arqueológicas em nenhuma das camadas registadas. Na camada 1a foi aberta uma vala para enterramento de um cão e na 4, uma vala para plantio de árvores ou arbustos.

3.3.2.3. Espólio

Com excepção da camada 2, estéril, em todas as outras foram encontrados fragmentos de cerâmica actual, por vezes vidrada.

Restos de plásticos e latas de refrigerantes apareceram na camada 1, enquanto na 5 se detectou fibrocimento. Um cão foi enterrado na camada 1a, numa vala ou fossa aberta para esse fim.

Fragmentos de cerâmica manual, de pasta arenosa, grosseira e de cozedura redutora, atribuíveis ao calcólítico, são raros mas ocorrem na camada 0 e 1. Um fragmento de artefacto lítico, polido, foi exumado da camada 4.

As características deste corte indiciam grandes alterações antrópicas no local e a inexistência de estratigrafia antiga.

⁶ A cobertura das áreas de jardim, com saibro, ter-se-ia verificado há cerca de 20 anos, segundo informação da Sra. Arminda Pacheco, funcionária da Irmandade da Senhora do Carmo da Penha. Nalguns locais esta camada é muito compacta.

3.3.3. Corte 3

3.3.3.1. Estratigrafia

Neste corte a estratigrafia é bastante distinta entre diferentes quadrados razão pela qual será apresentada de forma parcelar:

Estratigrafia dos quadrados M-3, M-4 e L-4 (Fig. 10)

Camada 0 – humosa actual. Terra castanha, medianamente compacta, arenosa, com raízes.

Camada 1 – heterogénea, de matriz castanha, com bolsas de areia, pouco compacta e com calhaus. Corresponde a entulhos e a uma camada humosa mais antiga.

Camada 2 – terra acinzentada, arenosa, medianamente compacta, sem carvões e com algumas raízes.

Camada 3 – terra amarelada, arenosa, muito compacta e com pouquíssimas raízes. Trata-se de um pavimento de saibro descontínuo. Corresponderá um pavimento relacionado com a antiga capela? Não aparece nos quadrados M-4 e L-4.

Camada 4 – terra castanha acinzentada, areno-limosa, mais compacta no início mas, em geral, de compacidade média, com carvões dispersos. Camada arqueológica.

Camada 5 – arena granítica.

Estratigrafia do quadrado D1 (Fig. 9)

Camada 0 – Aterro actual.

Camada 1 – “humosa”. Terra castanha escura, areno-limosa, pouco compacta, com muitas raízes.

Camada 2 – bolsa de areão, com muitos calhaus de pequeno porte e nada compacta.

Camada 3 – terra negra, muito limosa, medianamente compacta.

Camada 4 – terra castanha, areno-limosa, mais compacta do que a anterior, com raros carvões. É uma camada muito irregular e está perturbada em parte, pela 2 e 3.

Camada 5 – arena granítica.

3.3.3.2. Estruturas

No quadrado D1 não se detectaram estruturas arqueológicas.

Os quadrados M-3, M-4 e L-4 são os únicos onde se preservou uma camada arqueológica. Nesta, ocorre, entre as cotas -47cm e -50cm, pequenas e médias acumulações de saibro, medianamente compactas, que interpretámos como fazendo parte de um pavimento (Fig. 11). As poucas pedras detectadas no interior desta camada também se encontram entre os -49cm e os -56cm, indiciando que o nível arqueológico estaria por esta profundidade. Tal parece corroborar-se, pela maior acumulação de carvões entre -51cm e -58cm. Também o espólio se concentra entre estas cotas, embora se disperse entre os -37cm e os -60cm.

3.3.3.3. *Espólio*

No quadrado D1, as camadas 0, 1 e 2 contêm, apenas, espólio actual. Na camada 3 ocorre espólio calcolítico e moderno. Na camada 4 apareceu um fragmento de cerâmica manual, de pasta arenosa, decorado com incisões, também inserível no calcolítico.

Nos quadrados M-3, M-4 e L-4 apareceram dois fragmentos cerâmicos de época pré-histórica, na camada 2, mas em associação com material actual. O espólio da camada 4, por ser homogéneo, será tratado individualmente.

3.3.3.3.1. *Espólio da camada 4*

Cerâmico

Os cerca de 20 fragmentos cerâmicos encontrados são exclusivamente de fabrico manual, de pasta arenosa e de textura grosseira. A cozedura é redutora de média ou má qualidade. O acabamento é sempre alisado, no exterior e interior dos fragmentos. A maioria deles é lisa mas há algumas decorações que permitem a inserção deste espólio no universo da cerâmica incisa metopada de “tipo Penha” (Fig. 20).

Lítico

O espólio lítico é pouco significativo.

Ecofactos

Do quadrado L-4, de uma pequena concentração de carvões, recolhemos uma amostra para datação radiométrica (-51cm a -58cm).

A terra desta camada foi toda crivada a seco. Na área do que pressupomos ser um pavimento detectámos sementes carbonizadas que foram enviadas para análise de carpologia. Outras ocorriam dispersas na camada.

Também foram recolhidos carvões para antracologia.

3.3.4. *Corte 4*

A escavação do quadrado E3 permitiu constatar grande perturbação antrópica, de época recente, neste sector do monte, motivo pelo qual foram suspensos os trabalhos.

3.3.4.1. *Estratigrafia*

A estratigrafia deste corte caracterizava-se pelas seguintes camadas (Fig. 14 e 15).

Camada 0 – camada humosa. Terra castanha escura, areno-limosa, pouco compacta, com algumas pedras de médio calibre, raízes e alguns carvões.

Camada 1 – terra castanha muito escura, areno-limosa, mais limosa do que a camada anterior, medianamente compacta com algumas raízes. Não é contínua.

Camada 1a – terra de matriz amarelada, arenosa, sem matéria orgânica, com blocos pétreos de médio e grande calibre. Corresponde ao enchimento de uma vala.

Camada 2 – terra castanha, areno-limosa, medianamente compacta, com raízes.

Camada 3 – arena granítica.

3.3.4.2. Estruturas

Não foram detectadas estruturas arqueológicas neste corte (Fig. 15).

3.3.4.3. Espólio

O espólio da camada 0 compreendia fragmentos de cerâmica manual, de pasta arenosa, com decorações incisivas metopadas de “tipo Penha”, fragmentos de cerâmica e telha de época moderna, vidros, restos de alumínio e de plásticos. Na camada 1a exumaram-se ossos de dois pequenos animais. As características destas ossadas remetem-nos para uma cronologia recente.

Na camada 1 e 2 o espólio era composto, igualmente, por cerâmicas e vidros actuais. Estamos, de novo, perante outro caso de estratigrafia invertida.

3.3.5. Corte 5

3.3.5.1. Estratigrafia

Neste corte a estratigrafia apresenta a seguinte sequência (Fig. 16 e 17):

Camada 0 – heterogénea com terras de matriz castanha clara, muito arenosa, pouco compacta, com bolsas de saibro, calhaus de pequeno, médio e grande porte e materiais de construção modernos. Camada de entulhos.

Camada 1 – heterogénea, de matriz castanha, arenosa, pouco compacta, com bolsas de saibro, alguns carvões e calhaus de pequeno, médio e grande porte, alguns deles fumigados. Ocorre, igualmente, material de construção. Camada de aterro desta parte da acrópole, talvez aproveitando materiais do anterior santuário que ardeu em 1939.

Camada 2 – arena granítica e granito.

3.3.5.1. Estruturas e Espólio

Não foram detectadas estruturas neste corte. Quanto ao espólio, em ambas as camadas, apareceram fragmentos de telha actual, artefactos de ferro muito danificados (cunhas?) e azulejos.

3.3.6. Corte 6 (Pio IX)

3.3.6.1. Estratigrafia

A escavação do quadrado A1 permitiu distinguir as seguintes camadas estratigráficas (Fig. 18):

Camada 0 – Terra de matriz castanha, pouco homogénea, areno-limosa, pouco compacta e pouco espessa. Corresponde a uma camada de escorregamentos.

Camada 0a – bolsa de terra castanha avermelhada, pouco compacta.

Camada 1 – castanha clara, muito limosa e medianamente compacta, com algumas areias. É estéril. Sobrepõe-se, imediatamente, ao granito de base.

3.3.6.2. Estruturas e Espólio

Não foram detectadas estruturas no quadrado A1. Quanto ao espólio, este apenas ocorreu na camada 0. Tratava-se de três fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pasta arenosa, textura mediana, acabamento alisado e cozedura redutora que conectámos com os da Idade do Bronze encontrados nas escavações de Santa Catarina (BETTENCOURT *et alii*, neste vol.).

3.3.7. Perfil da plataforma da vertente este-nordeste do Pio IX

3.3.7.1. Estratigrafia

A limpeza deste perfil permitiu identificar a seguinte sequência estratigráfica (Fig. 19):

Camada A – heterogénea com terras de matriz castanha clara, mais arenosa do que limosa, pouco compacta, com raízes e materiais de construção modernos. Aterro.

Camada 1 – heterogénea, de matriz castanha clara, areno-limosa, pouco compacta, com calhaus muito pequenos, dispostos de forma horizontal no topo, com raízes e material de construção moderno. Camada humosa anterior aos aterros.

Camada 2 – terra castanha acinzentada, mais arenosa do que limosa, medianamente compacta. Parece ser arqueologicamente estéril.

Camada 3 – terra castanha amarelada, muito arenosa, pouco compacta. Ésteril.

Camada 4 – terra castanha escura, mais arenosa do que limosa, medianamente compacta. Parece ser arqueologicamente estéril.

Camada 5 – arena granítica.

3.3.7.2. Estruturas e Espólio

Não foram detectadas estruturas neste perfil. Quanto ao espólio arqueológico, apenas ocorre na base da camada 1, topo da 2. Trata-se de um fragmento de cerâmico de fabrico manual, pasta arenosa, textura mediana, acabamento alisado e cozedura redutora que relacioná-

mos com os encontrados nas escavações de Santa Catarina e inseríveis na Idade do Bronze (BETTENCOURT *et alii*, neste vol.).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de dados exumados nos cortes 1, 2, 4 e 5 permitem concluir que as zonas, em redor e por baixo da capela do santuário da Senhora da Penha, foram profundamente revolvidas e alteradas, situação incompatível com a conservação de níveis arqueológicos que pudessem ter existido. No entanto, a presença de espólio inserível no calcolítico, nas camadas húmosas dos cortes 1, 2 e 4 e de espólio mais actual, nas camadas subjacentes, poderá explicar-se pela existência de uma estratigrafia invertida ou pela grande perturbação destas áreas. Assim, os fragmentos de superfície seriam provenientes de locais próximos, quer da zona mais alta (onde está a capela), quer resultantes do esvaziamento de inúmeros abrigos, por acção natural ou antrópica⁷. Tal comprova-se pela existência de um nível de ocupação calcolítico, no corte 3, em área adossada a grandes afloramentos.

As escavações das vertentes este-nordeste e noroeste do Pio IX não foram conclusivas, pelo que não foi possível determinar a área de expansão desta estação arqueológica para sul.

Deste modo, apenas podemos afirmar que a ocupação calcolítica da Penha se conecta mais com as plataformas a este e norte deste monte, enquanto a da Idade do Bronze está espacialmente mais relacionada com as terras planálticas, a sul (BETTENCOURT *et alii*, neste vol.), a indiciar duas modalidades distintas de povoamento e de relacionamento com o espaço circundante.

Este tipo de povoamento, pouco destacado na paisagem e que se “confunde” com o mundo natural, parece ser recorrente nas fases calcolíticas de S. Julião (Vila Verde) e da Santinha (Amares) (BETTENCOURT, 1995a, 1995b, 2000b, 2001), embora, nestes dois casos, os abrigos sejam menos exuberantes do que os da Senhora da Penha e mais facilmente relacionáveis com áreas de vale.

Estamos pois face a uma modalidade de ocupação do espaço que contrasta, vivamente, com a verificada em Bitarados (Esposende) onde um povoado aberto se constrói num alvéolo granítico, sem afloramentos e ou abrigos nas imediações (BETTENCOURT *et alii*, 2003), ou com a registada na Sola/Bouça do Ouro (Braga), onde as populações calcolíticas ocuparam uma colina relacionada com o vale aluvionar do Cávado (BETTENCOURT, 1991/1992; 2000a).

Na falta de datações radiométricas a comparação entre diferentes estações torna-se difícil. Contudo, é possível, com base no material cerâmico, lítico e metálico, em associação, estabe-

⁷ O aproveitamento de abrigos naturais subentende-se do texto supracitado de J. Luís de Pina (1928) e é, igualmente, explícito em M. Cardoso (1971: 258) quando refere “... quase todo o espólio da Penha (foi) encontrado no interior de grutas naturais ou abrigos formados pelos aglomerados de rochedos. Esses seriam talvez os lugares escolhidos para habitação de vivos ou para repouso dos mortos. Tivemos ocasião de observar, em tempos, uma dessas grutas naturais, logo após a sua escavação, pois se encontrava totalmente repleta de terra no seu interior. Desentulhada, eram ali evidentes os vestígios de trabalho humano, aparecendo as fendas e os interstícios dos penedos cuidadosamente calafetados pelo lado interior com algumas pedras avulsas ali colocadas, o que denota indiscutivelmente a antiga utilização do recinto”.

lecer uma cronologia genérica para estas estações no âmbito do Calcolítico. Assim, no quadro deste vasto período cronológico é possível colocar várias questões. A que se deve tal diversidade de povoamento ou de ocupação do espaço? A populações cronologicamente distintas? À existência de comunidades culturalmente diversas, com diferentes modos de fruição, domesticação e apropriação do espaço? A evidências de “hierarquização simbólica” do espaço?

Em relação às comunidades que ocuparam a Senhora da Penha sabemos ainda muito pouco. Apenas encontrámos um nível de ocupação, mal preservado, com resquícios de um provável fundo de cabana, numa área próxima de um grande afloramento granítico. Corresponderia todo o espólio detectado nesta estação apenas a este nível ou a vários, numa vasta diacronia de ocupação? Atendendo às condições da jazida será, certamente, muito difícil responder a esta questão. O que podemos afirmar é que, em determinado(s) momento(s) do Calcolítico, as sociedades que ocuparam este espaço conheceram e manipularam artefactos de excepção e de grande valor simbólico, em cerâmica e metal, a evidenciar o carácter polissémico desta estação.

Referimo-nos ao aparecimento de um machado plano, de cobre, e ao gume de um outro. Deduzimos, pelo que nos diz J. Luís de Pina, em 1928, que o machado foi encontrado na vertente oeste-noroeste do morro do Pio IX, “para os lados da nascente de água” e em área onde abundam grandes caos de blocos e inúmeros abrigos. Teria esta peça sido depositada, intencionalmente, próxima de uma nascente, no contexto de um acto ritual?

Um pequeno fragmento de um vaso campaniforme, na variante estilística pontilhado geométrico, foi observado por nós quando procedemos ao estudo da colecção do espólio proveniente da Penha, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Trata-se de mais um artefacto de excepção que, nesta variante estilística, é apenas conhecido em mais 12 estações diversas do Norte de Portugal, numa área geográfica que se estende desde o litoral até à fachada ocidental de Trás-os-Montes (JORGE, 2002).

Um fragmento de cerâmica com decoração oculada, provavelmente encontrado na área do corredor natural que liga a Capela da Senhora da Penha Monte do Pio IX, foi desenhado, em 1928, por José Luís de Pina (PINA, 1928: 136) e estudado, posteriormente, por outros investigadores (JORGE, 1986: 814-815; SILVA & SANTOS, 1988-89: 65, fig. 15-2M). Os vasos com este tema decorativo são muito raros em termos peninsulares mas o motivo ocorre tanto na cerâmica, como nos ídolos de pedra, nas placas de xisto, nas placas de barro, nas falanges de cervídeos, nas gravuras de monumentos megalíticos ou nas pinturas de abrigos, o que acentua o seu carácter de excepção e de alto valor simbólico. Para o Entre Douro e Minho, conhecemos apenas um fragmento de um vaso deste tipo, encontrado na estação da Chã do Castro/Joubreia (Amares), também associado a cerâmicas com decoração incisa metopada de “tipo Penha” (JORGE, 1986: 819).

Independentemente da dificuldade em precisar a contemporaneidade entre estes diferentes artefactos, cujas datas obtidas, embora para áreas periféricas, apontam, *grosso modo*, para o 2º quartel do III milénio AC, ou seja, entre 2800-2500 AC (SANCHES, 1997: 110; 2001), eles são reveladores da multifuncionalidade deste local durante o Calcolítico. Ao lado dos inúmeros fragmentos cerâmicos conectados com as mais diversas actividades “domésticas”, os artefactos de cobre, a cerâmica campaniforme e a cerâmica oculada, permitem-nos admitir a existência de actividades “rituais” onde se exibiriam ou manipulariam bens de “excepção”, de carácter supra-regional.

Mas apesar da importância social dos artefactos citados, o espólio mais comum nesta estação arqueológica é a cerâmica vulgarmente conhecida por incisa metopada de “tipo Penha” depositado, na sua maioria, no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Foi este espólio que M. S. Silva e P. M. Santos (1988-89) estudaram, tendo como base 264 fragmentos cerâmicos com características técnicas, morfológicas e decorativas similares entre si e aparentadas com as existentes na pré-história recente do vale do Tâmega. “Embora o material sobre o qual este trabalho se debruçou se encontre desprovido de informação essencial para uma compreensão mais correcta e aprofundada do mesmo, este parece, no entanto, constituir um conjunto culturalmente homogéneo...” (SILVA & SANTOS, 1988-89: 71). Neste conjunto cerâmico as autoras identificaram 19 organizações decorativas, em recipientes com pastas maioritariamente grosseiras, desengordurantes constituídos por quartzo e micas e acabamento alisado ou polido em 90% dos casos. As formas cerâmicas correspondem, na sua maioria, a recipientes hemisféricos, esféricos, tronco cilíndricos e sub-cilíndricos (54,6%). Também ocorrem, em menor número, vasos carenados e troncocónicos (SILVA & SANTOS, 1988-89).

No Entre Douro e Minho são conhecidas várias dezenas de jazidas onde ocorre cerâmica incisa metopada de “tipo Penha”. Apesar disto, os seus contextos de achado e a sua cronologia são ainda muito pouco conhecidos. Contamos, apenas, com uma data de radiocarbono para a Sola/Bouça do Ouro I (Braga), que forneceu um intervalo entre 2885-2305 AC, atendendo ao seu grande desvio padrão (BETTENCOURT, 2000a). Na Galiza, este tipo de cerâmica foi datado, recentemente, na estação de Lavapés (Pontevedra), entre 2584-2458 AC (FABREGAS VALCARCE, 2001: 117). No entanto, em Trás-os-Montes ocidental, na Vinha da Soutilha (Chaves), esta organização decorativa ocorre desde a segunda metade do IV milénio AC (JORGE, 1986). Estamos assim, perante um conjunto de datas que desaconselha generalizações cronológicas, pelo que aguardamos os resultados de radiocarbono para uma melhor contextualização cronológica da Senhora da Penha, no Calcolítico do Entre Douro e Minho.

BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A. M. S. (1991/1992). O Povoado da Sola, Braga: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 97-118.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995a). O povoado de S. Julião (Vila Verde-Braga), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Ed.S.E.C., Lisboa, pp. 40-42.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995b). O povoado da Santinha (Amares-Braga), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*, Ed.S.E.C., Lisboa, pp. 60-61.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000a). *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000b). *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Ed. Cadernos de Arqueologia Monografias – 10, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2001). *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*, Ed. Cadernos de Arqueologia, Monografias – 12, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S.; A. DINIS; C. CRUZ & I. S. SILVA (2003). O povoamento Calcolítico do alvéolo de Vila Chã, Esposende (Norte de Portugal). Notas a propósito das escavações arqueológicas

- de Bitarados, *Portugália*, n. série, Porto, 24 (no prelo).
- BETTENCOURT, A. M. S., A. DINIS & I. S. SILVA (neste vol.). A estação arqueológica da Idade do Bronze de Santa Catarina, Guimarães (Norte de Portugal). Resultado dos Trabalhos Arqueológicos de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 43 (3-4), Porto, pp. 163-179.
- CARDOSO, M. (1960). Breve observação a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, *Revista de Guimarães*, 70, Guimarães, pp. 169-184.
- CARDOSO, M. (1968). Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), *Revista de Guimarães*, 78 (3-4), Guimarães, pp. 272-281.
- CARDOSO, M. (1971). A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães), *IIº Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Coimbra, pp. 239-268.
- DINIS, A. P. (1992). A Penha arqueológica, *A Penha – Ontem e Hoje*, Ed. Muralha, pp. 15-22.
- FABREGAS VALCARGE, R. (2001). *Los petroglifos y su contexto: un exemplo de la Galicia meridional*, Ed. Instituto de Estudios Vigueses – Fundación Provigo, Vigo.
- FREITAS, A. M. (1992). A Penha: natureza, origem, evolução e ambiente a preservar, *A Penha – Ontem e Hoje*, Ed. Muralha, pp. 9-14.
- JORGE, S. (1986). *Povoados da Pré-História Recente (IIIº-inícios do IIº milénios a.C.) da região de Chaves e V.ª Pª de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, Ed. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 3 vols, Porto.
- JORGE, S. O. (1988). Reflexões sobre a Pré-História recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto, pp. 85-112.
- JORGE, S. O. (2002). An all-over corded Bell Beaker in northern Portugal: Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): some remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, 4, Porto, pp. 107-129.
- OLIVEIRA, M. F. (2001). *Modificações do uso do solo. A serra da Penha*, dissertação de mestrado apresentada à secção de Geografia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho – policiada).
- PINA, J. L. (1928). A penha eneolítica, *Revista de Guimarães*, 38 (3-4), pp. 135-138.
- PINA, J. L. (1931). Uma notável estação arqueológica portuguesa: a Penha (Portugal), *Actes du Xvème Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistorique*, Paris, pp. 342-348.
- PINA, J. L. (1933). Notas para a Pré-História vimaranense, *Homenagem a Martins Sarmiento*, Ed. S.M.S., pp. 287-291.
- PINA, J. L. (1936). Novos elementos para o estudo da Penha neolítica (Guimarães), *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 2, pp. 81-84.
- QUEIROGA, F. (2000). *Relatório de Sondagem Arqueológica. Estação Arqueológica da Penha*, relatório dos trabalhos entregue ao IPA – policopiado.
- SANCHES, M. J. (1997). *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Ed. SPAE, Porto.
- SANCHES, M. J. (2000-2001). O Crasto de Palheiros (Murça). Do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugália*, n. série, 21/22, Porto, pp. 5-42.
- SARMENTO, F. (1933). *Dispersos*, Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SILVA, M.M. S. & P. M. SANTOS (1988-89). As cerâmicas tipo Penha do Museu da Sociedade de Martins Sarmiento – Guimarães, estudo tipológico, *Portugália*, n.s., 9/10, Porto, pp. 63-71.

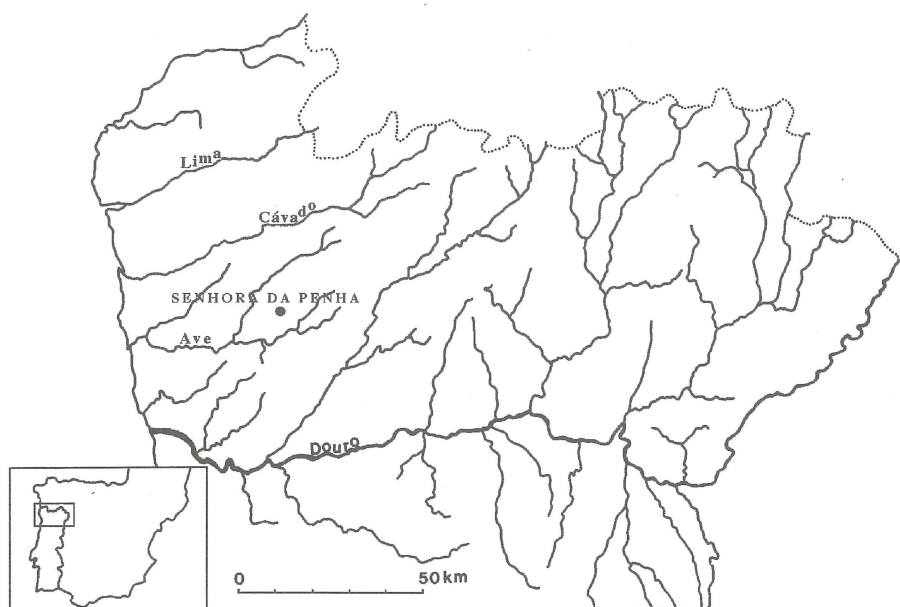


Fig. 1 - Localização da Senhora da Penha, na Península Ibérica e Norte de Portugal.

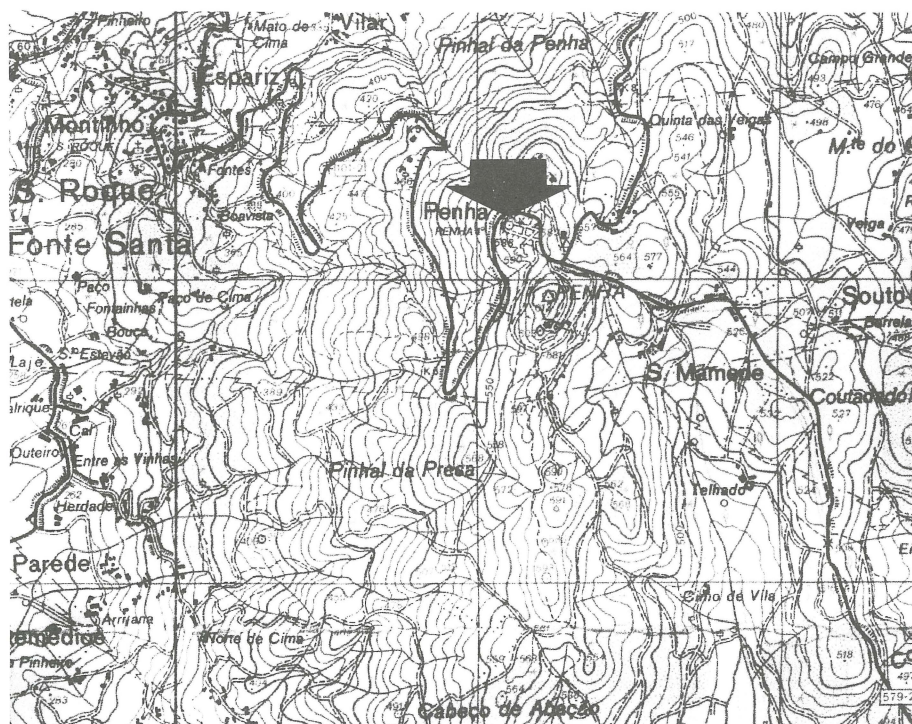


Fig. 2 - Localização da Senhora da Penha, na C.M.P., esc. 1:25000.

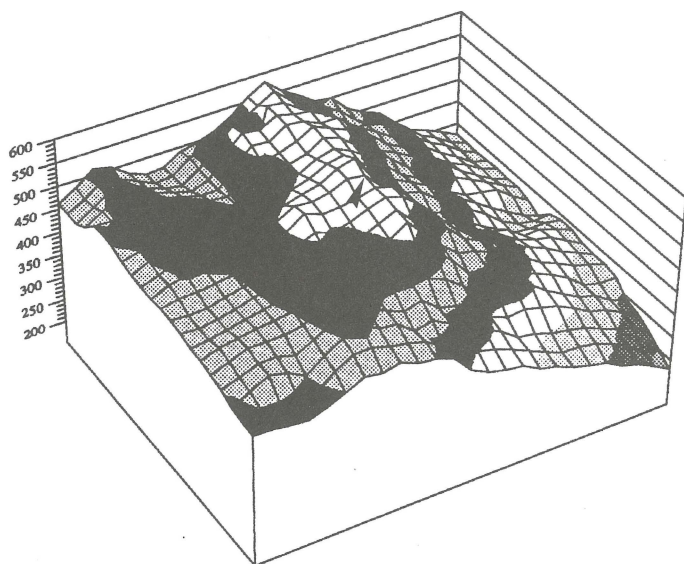


Fig. 3 – Projecção 3D do Monte da Penha, visto de Norte (programa Wingz, versão 1.1).
A seta indica o local de implantação da capela da Senhora da Penha.



Fig. 4 – Vista do local onde se implantará a Capela da Nossa Senhora da Penha antes da sua construção.

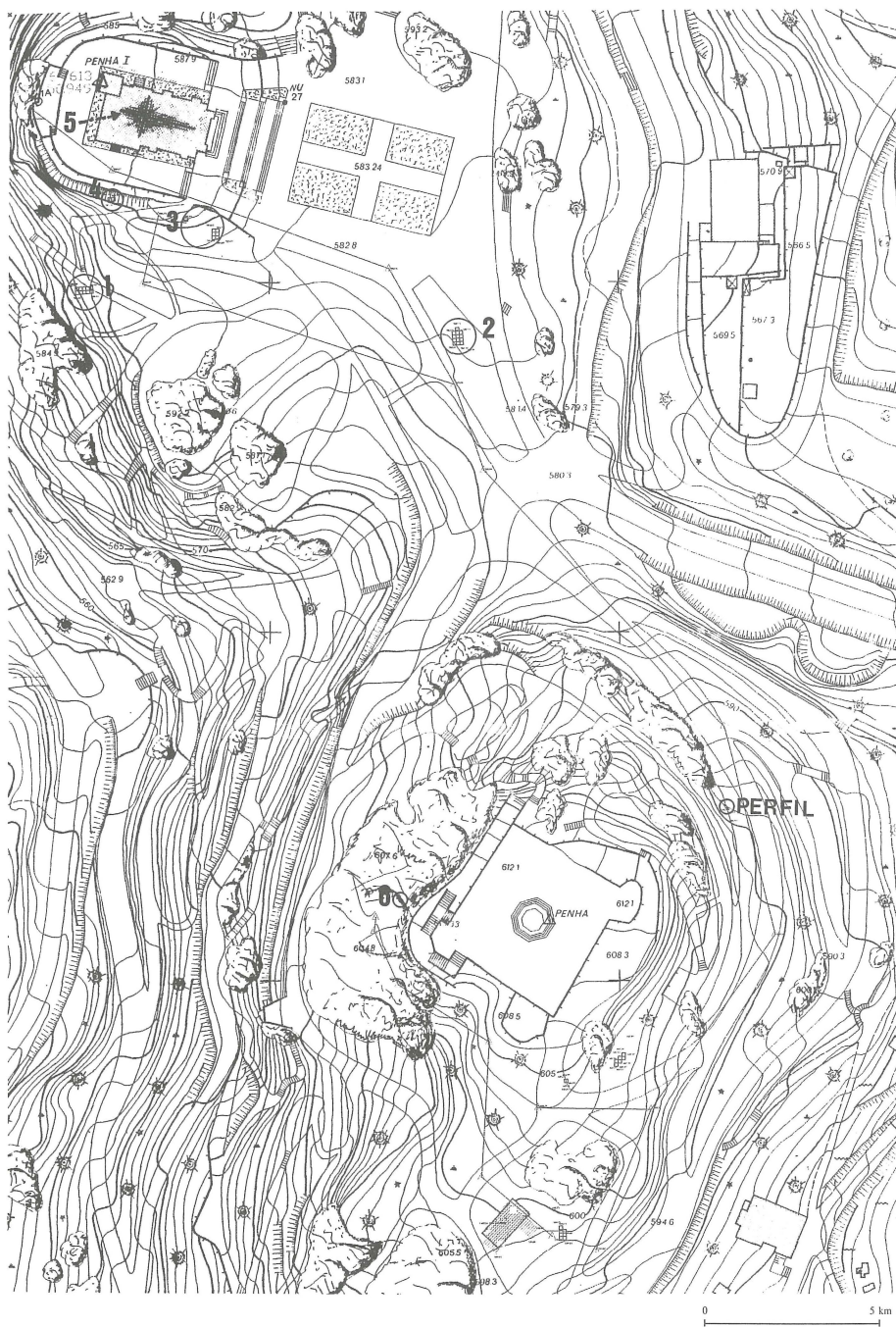


Fig. 5 – Levantamento topográfico do Monte da Penha.
Os círculos correspondem às áreas intervencionadas.

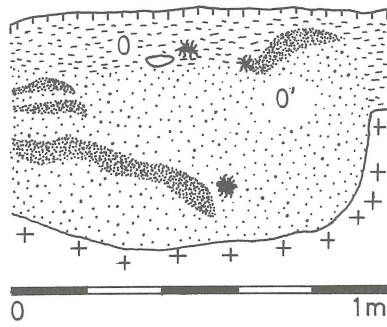


Fig. 6 - Corte 1. Perfil Norte do quadrado B0.

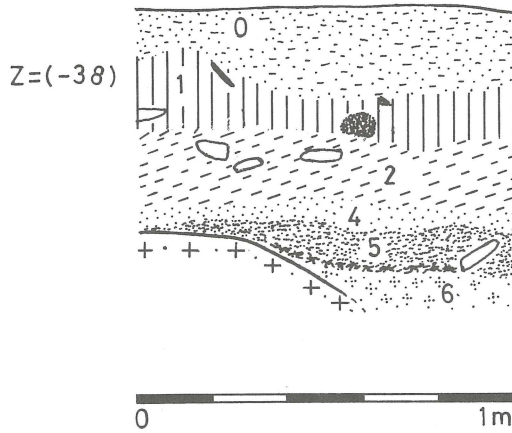


Fig. 7 - Corte 2. Perfil Sul do quadrado C4.

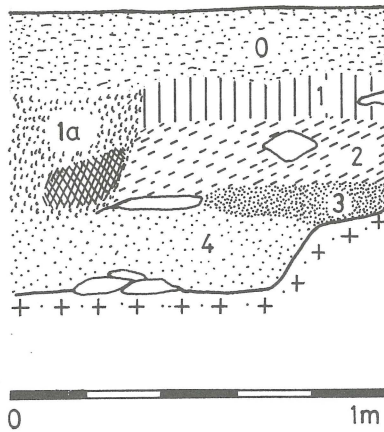


Fig. 8 - Corte 2. Perfil Sul do quadrado D5.

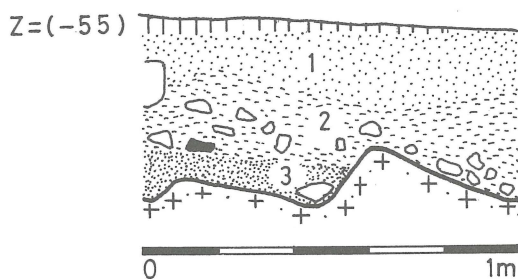


Fig. 9 - Corte 3. Perfil Norte do quadrado D1.

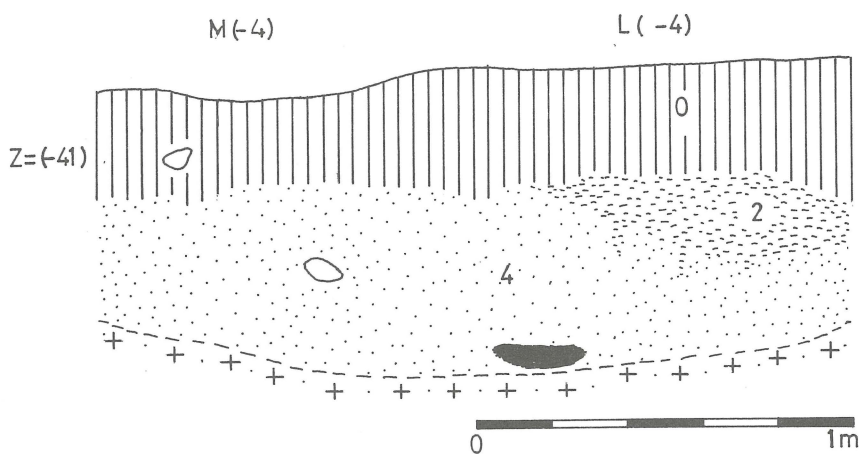


Fig. 10 - Corte 3. Perfil Sul dos quadrados L-4 e M-4.

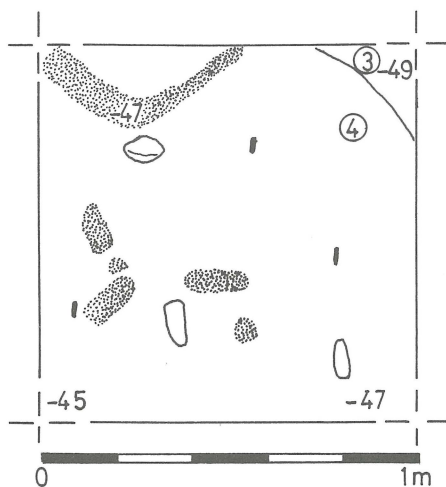


Fig. 11 - Corte 3. Plano do nível de ocupação calcolítico da camada 4 do quadrado L-4.
O picotado corresponde a eventuais restos de pavimento.

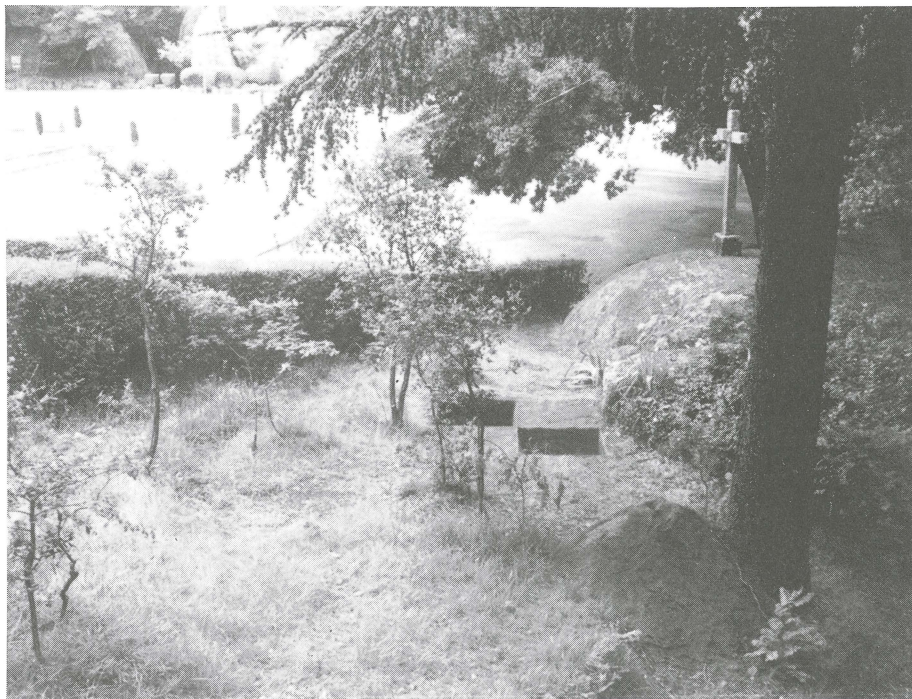


Fig. 12 – Corte 3. Local de implantação dos quadrados L-4 e M-4 onde se detectou a ocupação calcolítica.

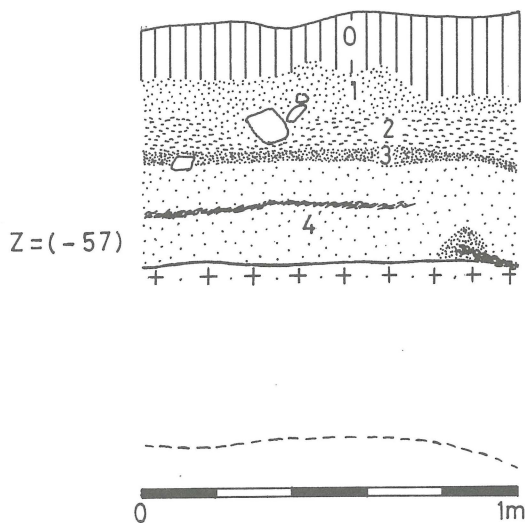


Fig. 13 – Corte 3. Perfil Norte do quadrado M-3. O traço negro corresponde a restos de um possível pavimento em saibro.

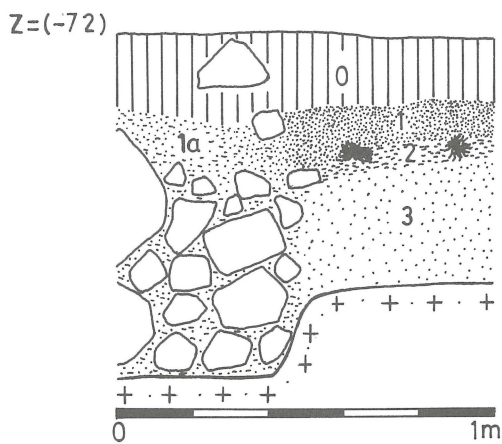


Fig. 14 – Corte 4. Perfil Oeste do quadrado E3.

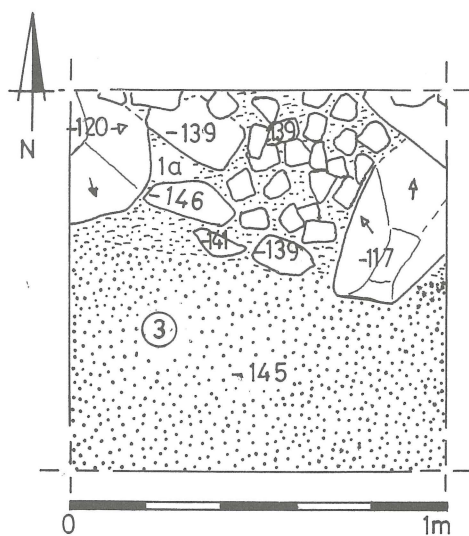


Fig. 15 – Corte 4. Plano intermédio do quadrado E3.

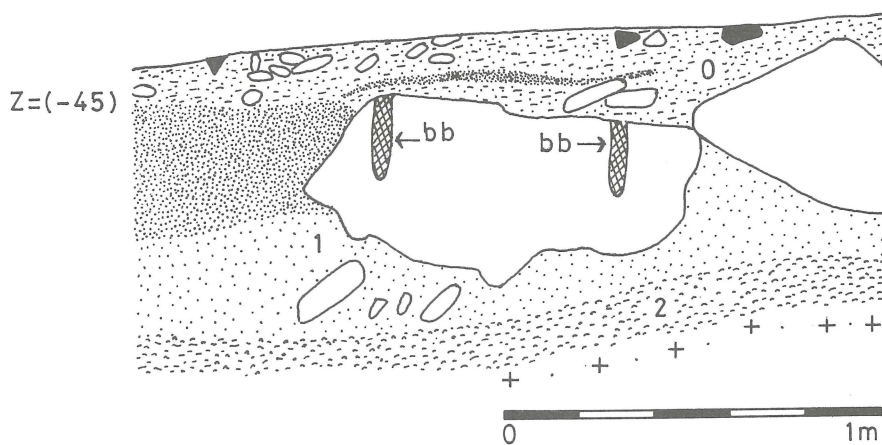


Fig. 16 - Corte 5. Perfil Oeste dos quadrados B1 e B2. (bb) corresponde a buracos efectuados por uma broca.

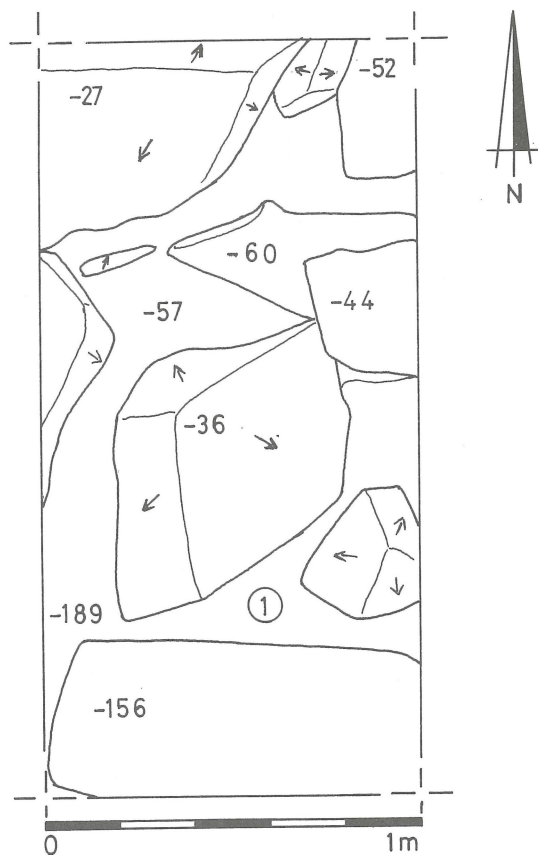


Fig. 17 - Corte 5. Plano 1 dos quadrados B1 e B2.

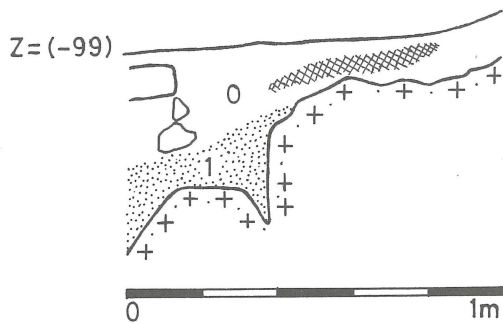


Fig. 18 - Corte 6 (Pio IX). Perfil Norte do quadrado A1.

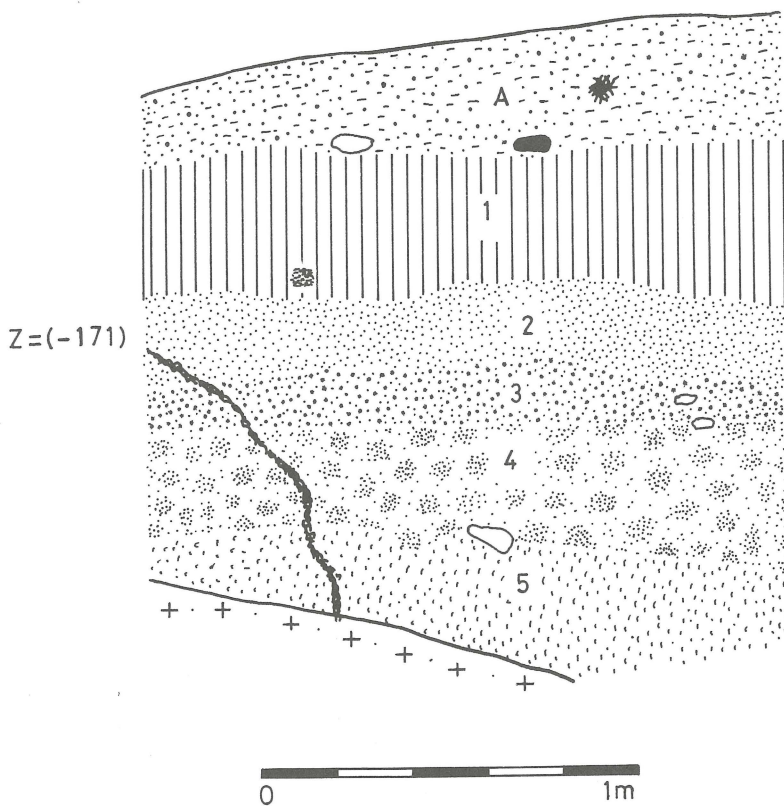
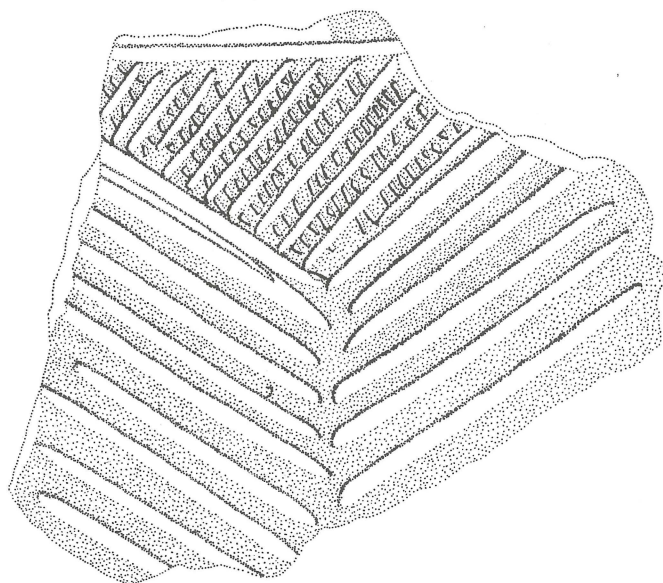
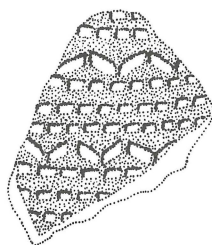


Fig. 19 - Perfil da plataforma da vertente Este-Nordeste do Monte onde está o monumento ao Pio IX.



1



2

Fig. 20 – Espólio da Senhora da Penha. 1. Cerâmica incisa-metopada encontrada na camada 4 do quadrado J-4. 2. Fragmento de vaso campaniforme depositado no Museu Nacional de Arqueologia.